Noites de Cintra

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Noites de Cintra

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1908.

Foi mantida a grafia usada na edição original de 1908, tendo sido corrigidos apenas pequenos erros tipográficos que não alteram a leitura do texto, e que por isso não foram assinalados.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA--17.º Volume

NOITES DE CINTRA

ALBERTO PIMENTEL

NOITES

DE

CINTRA

(2.ª edição, revista pelo auctor)

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta--44 a 54
LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA
DA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta--44 a 54
LISBOA

I

Eramos dez, e tinhamos combinado, por desfastio, ir a Cintra, na primavera, ouvir os rouxinoes.

Parecerá menos inverosimil este pretexto, quando se disser que todos, então reunidos em Lisboa, haviamos nascido na provincia, onde as volatas dos rouxinoes dulcificaram as nossas primeiras noites de amor, e que o mais velho de nós tinha trinta e sete annos apenas.

Ainda assim, como prova involuntaria de que o melhor da nossa vida era já então o passado, não foi approvado o projecto sem uma correcção prosaica. Sim, iriamos ouvir os rouxinoes a Cintra, visto que elles não costumavam fazer-se ouvir nas ruas de Lisboa, mas temperariamos esse devaneio romantico com as queijadas da Sapa, as laranjas do visconde da Arriaga, e o _Collares_ do conselheiro Francisco Costa.

Como o mais novo de todos era o Gonçallinho Jervis, em cujo espirito bailavam ainda pagens e castellãs n'uma chorea medieval, e em cujo coração ardiam fogos de poetico platonismo, mettemol-o á galhofa convidando-o a procurar na serra de Cintra um cabello da

barba que Bernardim Ribeiro haveria arrepellado ao vêr partir a frota com a infanta D. Beatriz.

Para falar verdade, nenhum de nós tinha grande confiança na realisação de tão extravagante projecto, mas sobejou-nos motivo para o applaudir, porque durante mais de dois mezes nos forneceu alegrissimo assumpto sempre que nos juntavamos todos ou pelo menos alguns.

Deviamos partir em abril, segundo o programma primitivamente approvado em assembléa geral. Não fomos, e acreditavamos já que não iriamos, quando uma noite, no _Martinho_, resolvemos partir a 20 de maio.

O Vasconcellos, muito habituado a viajatas, ficou encarregado de alugar o _char-à-bancs_, e elle proprio me disse á puridade que tal não faria senão á ultima hora, porque duvidava que se realisasse uma excursão dependente do accordo de dez pessoas, todas ellas mais ou menos atarefadas.

Como se tratava, porém, de um divertimento, de uma _partie de plaisir_, como lhe chamava o Leotte, aconteceu que, á hora marcada, apenas faltou um, o Callixto, cuja falta, aliás, foi tida como de bom agouro, visto chamar-se elle Callixto.

Tivemos que esperar á porta do Passeio Publico, que era o ponto de reunião, _rendes-vous_ dizia o Leotte, que o Vasconcellos fosse alugar o _char-à-bancs_, sendo entretanto votada uma moção de censura a este nosso amigo pela falta de confiança que a communidade lhe inspirava. Eu, por estar na posse do segredo, abstive-me de votar. Um Catão!

Partimos. Aquillo foi como se todos atirassemos canseiras e trabalhos para traz das costas. Os palacios do Passeio Publico estremeceram nos alicerces, sacudidos por um tufão de alegria. A passarinhada fugiu das arvores precipitadamente, como se ouvisse troar uma peça de campanha. A policia não estava accordada ainda; se fosse um pouco mais tarde, deitava-nos a mão. E affirmava o Vasconcellos que tinha visto as figuras do Tejo e Douro dizerem-nos adeus de dentro do Passeio, muito rapioqueiras.

--Nunca, dizia o Leotte, nunca se fez uma _partie de plaisir_ tão honesta. Nove homens... apenas!

--Querias mais! replicava o Vasconcellos fazendo-se desentendido. Não cabiam cá. Olha o pobre Gonçallinho, o nosso doce pagem, que teve de ir na almofada ao pé do cocheiro. Onde querias tu metter mais gente, ó Gonçallinho?!

--Que é lá? respondia elle do alto da almofada.

--Vaes a fazer versos?

--Ainda não. Mas já planeei um conto. Este ar de primavera é deliciosamente suggestivo. Vocês verão que a minha ideia não é de todo má. Chamar-se-ha _A primeira entrevista_.

--Has de contal-a em Cintra, gritei eu.

--Pois sim, respondeu o Gonçallinho, morto, como todos os novatos, por divulgar as suas composições.

--Em Cintra, alvitrou o Vasconcellos, sempre o mais auctoritario de todos, cada um de nós ha de contar á noite uma historia. Vá feito?

--Menos eu, protestou o Athayde, que era empregado na Junta de

Credito Publico. Eu só estou habituado a contar... _contos de réis_.

--Isso é modestia. Não péga.

--Has de contar, intimou o Leotte, aquelle caso do principe das Caldas de Vizella, que uma noite te ouvi no Gremio.

--Ah! esse era o principe Piratinino.

--Não é um conto... _de réis_; mas é um conto de principe. Bem, já temos dois contos, disse eu.

--E tu, propoz o Athayde, dirigindo-se a mim, tu, que andas sempre com as mãos na massa, é que has de abrir o torneio.

--Pois seja, com a condição de que onde se lê _massa_ se leia _maçada_.

--Leia-se lá o que tu quizeres. Mas olhem vocês, observou o Vasconcellos, que é preciso matar de algum modo as noites de Cintra, que são tão grandes como as de Lamego. Em Cintra só devia haver dia. As noites são frias e humidas. Vocês o sentirão.

--Queres então ouvir rouxinoes ao meio dia?

--Os rouxinoes são o menos...

--Pois não viemos nós para os ouvir?

--Nós viemos para gosar a liberdade que não temos habitualmente, e a alegria que principia talvez a fugir-nos. Viemos tomar um banho de oxygeneo. Elle é bem mau!

--Que vão vocês a dizer? perguntou da almofada o Gonçallinho.

--Foi o Vasconcellos que fez uma proposta para supprimirmos do nosso programma os rouxinoes.

--Não! nunca! protestou o Gonçallinho. De mais a mais tem vindo a dizer-me o cocheiro que os rouxinoes são aos centos na varzea de Collares.

--Tudo se póde conciliar, sentenciou o Vasconcellos. Ouviremos os rouxinoes e os contos. Mas vamos ao lado pratico do assumpto. Quantos dias se querem vocês demorar?

--Eu, cinco dias, o maximo.

--E eu.

--Vá lá, e é de mais.

--Oh! incomprehensivel alma portugueza! exclamei eu. Já estragamos a nossa alegria. Ainda não chegámos, e já tratamos do regresso! Se aqui fossem nove francezes...

--Ou quatro portuguezes e cinco francezas... reticenciou o Leotte, sempre propenso ao eterno thema feminino. Lembrem-se vocês da historia do nosso amigo conde, quando esteve nos Pyreneos. Ao menos lá não lhe faltavam mulheres!

--É verdade! ó Leotte, tu has de contar a historia do conde. Tem graça! já t'a ouvi uma vez.

--Vamos ao lado pratico, insistiu o Vasconcellos. Almôço, a que horas?

--Ás onze.

--E jantar?

--Jantar ás seis.

--É melhor ás sete.

--Tratem vocês de fazer as noites pequenas. Olhem que são o peor que ha em Cintra.

--Jantaremos então ás sete.

--Isso é melhor. E de dia ou á noite, sentados em Collares, em Seteais ou nas cadeiras do _Victor_ iremos contando o nosso _Decameron_, respirando um bom ar, e um pouco de alegria, pelo menos...

O _Decameron_! exclamou o Leotte. Sabem acaso vocês que os fugitivos da _peste negra_ de Florença eram sete mulheres e tres homens? Isso comprehende-se.

--Ó diabo! cala-te lá com essa chorata pelas mulheres! replicou o Vasconcellos. Póde ser que o acaso te depare em Cintra alguma boa fortuna.

--N'este tempo! objectou, desconsolado, o Leotte. Se fosse no verão!

--O verão tambem tem seus inconvenientes. Ha mais espiões, mais fiscaes da moralidade publica. Leve o diabo tristezas. Toca a divertir, rapazes.

--Olhem lá! gritou o Gonçallinho.

--Que é?

--Parece-me que já architectei outro conto.

--O que é então?

--_A morte do bibliophilo._

--Vejam vocês, disse o Vasconcellos, o que são os poetas portuguezes. Vae aqui um rapaz, na flôr dos annos, cheio de imaginação, em caminho de Cintra, a pensar na morte da bezerra ou

do bibliophilo, que o leve!

Rimos todos. E o proprio Gonçallinho, que ouviu o reparo, desatou a rir na almofada.

Quando apeamos á porta do _Victor_, estavamos mais ou menos acabrunhados pela fome.

--Por S. Thiago, e aos bifes! berrou o Vasconcellos.

E o Victor, muito mesureiro, muito amavel:

--Elles hão de estar menos maus.

II

O almôço foi uma devastação, uma hecatombe.

Dizia o Vasconcellos que assim era preciso, visto que só se tornava a almoçar... no outro dia.

Quando saímos do hotel eram quasi tres horas. O que se faria? Por onde se começaria? Os fumos capitosos do almôço accenderam brios quixotescos no espirito da maioria dos nove. A burro e á Pena! era o grito do Vasconcellos, reforçado por mais cinco ou seis vozes.

--Mas isso é a semsaboria de toda a gente! disse o Gonçallinho.

--Ó meu tolo! replicou com vivacidade o Vasconcellos. Querias talvez fazer versos com o estomago cheio de biffes! A burro e á Pena! insistiu.

Os burriqueiros, que nos tinham feito um verdadeiro cêrco, largaram a correr para ir buscar os burros.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com